

SALÃO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
**XXIX SIC**  
**UFRGS**  
PROPESQ



múltipla   
**UNIVERSIDADE**  
inovadora  inspiradora

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2017
<b>Local</b>	Campus do Vale
<b>Título</b>	Discurso indireto livre em Cidade de Deus: sobre a distância entre narrador e narrados
<b>Autor</b>	NATHIELLE RODRIGUES NOGUEIRA
<b>Orientador</b>	CARLOS AUGUSTO BONIFACIO LEITE

Título: Discurso indireto livre em *Cidade de Deus*: sobre a distância entre narrador e narrados  
Autor: Nathielle Rodrigues Nogueira  
Orientador: Carlos Augusto Bonifácio Leite  
Instituição de origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### Resumo:

A partir da leitura dos agradecimentos feitos por Paulo Lins ao final do livro *Cidade de Deus* (2002), chamou-me a atenção seu reconhecimento a Virgínia de Oliveira Silva pela pesquisa de linguagem e revisão. Isso indica uma necessidade do autor em melhor representar a realidade lingüística da periferia com base em um conhecimento lingüístico específico. Assim, enquanto a linguagem do narrador é, em certa medida, lírica, envolvendo o leitor e, certamente, influenciando na visão deste último acerca da narrativa, as falas dos ali representados têm uma evidente coloquialidade, com concordâncias não marcadas e uma abundância de palavrões, por exemplo. Com isso, parece-me ficar evidente o distanciamento criado pelo autor entre aquele que narra e aqueles ali narrados, o que acaba por justificar a necessidade de uma revisão de linguagem, garantindo, portanto, que as falas das personagens pareçam críveis.

Porém, há evidências de que, em certos momentos, essa distância é relativizada. Sobretudo quando há a presença de discurso indireto livre, ou seja, quando as personagens falam através da fala do narrador, pode-se observar um distanciamento menos marcado, o que dá ao narrador maior naturalidade para abordar o seu assunto. A partir daí, ao assistir ao filme homônimo de Fernando Meirelles, que leva em consideração a potência imagética do livro e dá luz a situações não tão exploradas no romance, comecei a cotejar os processos narrativos das duas obras. Surgiu, então, o questionamento: considerando a câmera como um narrador, como se dá o discurso indireto livre no filme?

Assim, esta pesquisa, que ainda está em sua fase inicial, direciona-se especificamente para a análise do discurso indireto livre por Paulo Lins, contrastando-o com o uso da câmera enquanto narrador no filme homônimo de Fernando Meirelles, a fim de esclarecer, se possível, os modos de aproximação, representação e autonomia do sujeito da periferia nessas duas obras. Para isso, levaremos em conta, primeiramente, uma bibliografia que examine as relações entre discurso literário, técnicas cinematográficas e realidade social (Schwarz (org.), *Os Pobres na Literatura Brasileira*; Wood, *Como Funciona a Ficção*; Xavier, *Alegorias do Subdesenvolvimento*), e, posteriormente, uma bibliografia que trate especificamente das questões relativas à representação e autonomia do sujeito da periferia na literatura e no cinema (Spivak, *Pode o subalterno falar?*).

### BIBLIOGRAFIA:

- LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SCHWARZ, Roberto (org.). *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida et alii. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- WOOD, James. *Como Funciona a Ficção*. Tradução de Cláudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- XAVIER, Ismail. *Alegorias do Subdesenvolvimento: cinema novo, tropicalismo, cinema marginal*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meirelles. Roteiro: Bráulio Mantovani. 2002. Som, cor.